



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telefone 7  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UMA IMPORTANTE REUNIÃO

## OS FERROVIÁRIOS DA C. P.

Aprovam as suas reclamações de aumento de salário

Realizou-se ontem, com o dissenho, no teatro Apolo, uma grande reunião dos ferroviários da C. P., para tratar de melhoria de situação económica.

Pelas 13 horas, Bernardino Fernandes, membro da direcção do Sindicato, expôs à assembleia os motivos que levaram a reunir os ferroviários da C. P. e que é o constante agravamento da carestia da vida, para o qual é insuficiente o salário que auferem, pois com não podem enfrentar a desmedida ganância dos especuladores. Depois de várias considerações, convidou para presidente Manuel dos Reis, condutor, que foi secretário por Ivo dos Santos, maquinista, e José de Almeida Júnior, factor.

Após a constituição da mesa, o presidente convidou os representantes das delegações do Entrancamento, Alfaias, Pamplhosa, Ovar e Gaia, a tomar lugar no palco, assim como os delegados do Sul e Sueste e Minho e Douro, que se encontravam presentes.

Aberta a sessão, procedeu-se à leitura do expediente, que constava de credenciais, ofícios, cartas e telegramas das respectivas delegações, dos ferroviários do Sul e Sueste, Minho e Douro, Porto à Póvoa e Famalicão, Vizeu e de vários camaradas solidarizando-se com as resoluções a tomar.

Como nenhum camarada se inscrevesse para fazer uso da palavra antes do dia, Bernardino Fernandes passou a ler o relatório dos trabalhos realizados, onde circunstanciadamente se historicou a crise e carestia das subsistências, a necessidade de aumento de salário, as reuniões efectuadas sobre o assunto nas diferentes delegações, as reclamações do pessoal das outras companhias, o deleito a que tem sido votada a mesa de Santa Suzana, a solidariedade a prestar à C. O. T. no movimento que este organismo pretende levar à prática contra a carestia da vida, etc.

Neste relatório estão também descritas as reclamações dos ferroviários do Porto à Póvoa e Famalicão, que entregaram a sua devida ao Sindicato Ferroviário, e que são as seguintes:

1.º Integração da última subvenção no vencimento de categoria, incluindo o de 1919, de 0,02 por 0,01, e 50% aos revisores nas cobranças suplementares em trânsito.

2.º Pagamento da subvenção no período de 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro de 1919, de 50% sobre o salário.

3.º Subsidio para renda de casa no mínimo de 500 mensais para os agentes de categoria igual ou correspondente aos que têm habitação.

4.º Subsidio aos pensionistas da Caixa de Reformas, de 2000 mensais.

Terminada a leitura do relatório, o mesmo camarada apresenta à assembleia a moção e reclamações que abaixo transcrevemos:

Considerando que ao liquidar-se a greve de 1919, foram demitidos e transferidos para outros serviços ferroviários, cujo único delito foi serem grevistas,

considerando que a C. P. anulou o movente, como represália, uma parte importante dos seus grevistas,

considerando que o custo da vida sofre de uma sensível e agravada e que as chamadas forças vivas, que dispõem dos governos, não fazem esforço para terminar com a especulação e aumentar a produtividade da terra, pelo alargamento das culturas e desenvolvimento industrial, pelo aproveitamento das nossas riquezas naturais;

considerando que, não obstante a repugnância com que os ferroviários encaram o recurso ao aumento de salários, são compelidos a trilhar esse caminho, devido ao negativismo dessas forças vivas e dos seus governos, cada vez mais incompetentes;

considerando, porém, que ainda é tempo de arrear caminho se, e industriais e produtores, limitando os seus factos a ganhar uma batida aos intermediários e se se propuserem trabalhar para que Portugal se basta a si próprio; os ferroviários da C. P. reúnem-se em assembleia magna e dão o seu apoio ao movimento organizado pela C. G. T., para junto da qual autorizam os corpos gerentes do sindicato a apresentar à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses novas reclamações de carácter moral e de carácter económico, declarando-se, porém, dispostos a desistir da última se, o custo da vida, se equilibrar com os salários que actualmente recebem, ou se, a C. G. T., determinar que a luta por novas reclamações de aumento de salário deve ser consequência do estrangulamento do movimento contra a carestia da vida ou do seu insucesso.

Reclamações

1.º Que sejam reintegrados todos os demitidos por motivo da greve de 1919, com excepção dos que tenham sido condenados por actos de sabotagem; e, que sejam reconduzidos aos seus quadros todos os que foram transferidos pelo mesmo motivo.

2.º Que seja integralmente posta em execução a Ordem da Direcção Geral n.º 123, de 1919, que concede uma nova subvenção nas seguintes condições:

a) De 75 escudos ao pessoal masculino do quadro.

b) De 50 escudos ao pessoal suplementar e auxiliar masculino.

c) De 30 escudos a todo o pessoal feminino, sem nenhuma excepção.

3.º Que o pagamento da subvenção seja feita a contar desta data.

4.º Que sejam melhoradas as pensões de reformados pensionistas.

Feita a leitura da moção e reclamações, Carlos Marques apresenta um aditamento para que a subvenção seja de 100, 70 e 45 escudos, respectivamente.

A seguir faz uso da palavra Tomás Domingos de Oliveira, que não concorda com a doutrina da primeira reclamação, pois não se deve cair na mesma emboscada dos movimentos passados.

Fala depois Capelo, referindo-se às subvenções que se reclamam, que representam uma grande disparidade, entendendo que elas devem ser iguais, porquanto as necessidades do pessoal também são iguais.

Carlos Marques rebate as afirmações do camarada antecedente, dizendo que as subvenções tal como estão descritas relacionam-se perfeitamente com os salários que actualmente se auferem nas diferentes categorias do pessoal.

Seguem-se Ricardo Ferreira, Carlos Marques e Manuel Henriques, que ajudam também à forma irregular como as reclamações são postas.

Bernardino Fernandes diz que os corpos gerentes simplificaram o mais possível as reclamações para que a Companhia não demorasse a resposta, a pretexto de que elas iriam para estudo se fossem em maior número. Alarga-se em considerações, justificando as razões dos trabalhos apresentados.

Trocaram-se explicações por parte de Augusto Quintas, Capelo, Carlos Marques e José da Fonseca para melhor esclarecimento do assunto em debate, apresentando Joaquim Ramos uma proposta para que as reclamações a fazer à Companhia sejam de harmonia e proporção com as apresentadas pelos ferroviários do Estado, opinando porque as primeiras a ser presentes sejam as de carácter moral. Falam depois Manuel Henrique, e Jaime Neves sobre a estada de dois indivíduos, que não merecem a confiança da classe, dentro de uma comissão, propondo Baptista Ferreira para que na reunião se trate em primeiro lugar dos camaradas demitidos, pois que se sacrificaram pela classe.

Em virtude de não se ter chegado a um acordo sobre as reclamações apresentadas, Bernardino Fernandes faz sentir a necessidade de se entrar em trabalhos práticos, porquanto não pode desperdiçar-se tempo.

Seguidamente o presidente manda ler de novo as reclamações e os aditamentos, que são aprovados.

Nomeia-se depois a comissão que deve fazer entrega das reclamações à Companhia, que ficou composta de: Adelfo Alves, trens; Joaquim Pereira David, oficinas; António Rodrigues Fernandes, movimento; Pedro da Costa, tracção; Júlio António Machado, escritórios, e Vítor Silveira, via e obras.

Protesta-se contra o assalto à Batalha

Depois de nomeada a comissão, Adelfo Alves apresenta a seguinte proposta, que a assembleia aprovou unanimemente:

Considerando que o assalto à Batalha foi uma afronta ao operariado português, da parte do qual tem partido os mais veementes protestos;

Considerando que os ferroviários da C. P. não devem por forma alguma deixar de se manifestar contra o mais hediondo crime da classe burguesa;

Propõe: 1.º Que seja lançado na este desta assembleia um voto de protesto contra o assalto;

2.º Que seja feita uma queixa em favor de A Batalha, cujo produto será ali entregue por uma comissão, depois de terminada esta reunião.

A seguir é dada a palavra a Miguel Correa, do Sul e Sueste, que se refere à reunião a que acaba de assistir, dizendo que a opinião pública tem feito um juízo errado dos ferroviários e isso é devido à falta de homogeneidade que tem havido nas reclamações apresentadas. Para terminar com essas anomalias e para que a classe ferroviária trabalhe unida, só se poderá conseguir do próximo Congresso de onde sairá a Federação respectiva. Refere-se ao movimento contra a carestia da vida, que diz poderá ser alguma coisa quando o operariado souber impor a sua vontade, e por isso não podem os ferroviários deixar de reclamar aumento de salário, não se negando, no entanto, a colaborar nesse movimento que o operariado português deve levar a cabo.

Aludindo ainda ao Congresso, diz que nele irão os ferroviários do país definir a sua orientação, pois que apesar de se saber que ela é decididamente revolucionária, aqueles que estão à frente dos respectivos organismos não querem impor para que livremente eles a manifestem. Termina por saudar, em nome dos ferroviários do Sul e Sueste, os camaradas da C. P.

Fala ainda Cristóvão de Meneses Leite, do Minho e Douro, que saúda também os camaradas da C. P., terminando a sessão as vivas à organização operária, Batalha, ferroviários, etc.

A situação toma melhor aspecto

LONDRES, 5-A situação sobre a greve dos mineiros apresenta-se com melhor aspecto. Sir Robert Horne, presidente do "Board Trade", esboça já a posição do governo na questão, afirmando que a sua mediação será coroada de êxito. — Rádio.

## O ASSALTO À "BATALHA"

### O geral protesto do operariado

#### Constantes manifestações de repulsa

São passados já alguns dias sobre a brutal e traiçoeiro assalto de que foi vítima A Batalha, e as manifestações de protesto contra o facto ainda não afrouxaram da parte de todos os amantes da liberdade, que acorrem a prestar o seu auxílio ao jornal e a declarar a sua solidariedade para com a obra de propaganda e defesa que nele se tem feito.

Sendo um sintoma bem significativo, ao mesmo tempo, um aviso para todos aqueles que procuram, a todo o transe, calar a voz dos que lutam por uma sociedade melhor; não é cometen-do as maiores torpessas e as mais cobardes violências que conseguirão o seu criminoso intuito, pois umas e outras só servirão para dar maior realce à propaganda revolucionária, fazendo nacer na alma dos oprimidos um ódio invencível, capaz de destruir os maiores obstáculos.

O estúpido e perverso ataque à mão armada, perpetrado por um grupo de malfidantes, a quem a certeza da impunidade por parte das autoridades dá ousadia para atacar a gente honesta e indefesa, deu origem à maior manifestação de solidariedade de que A Batalha tem sido alvo, durante a sua curta e acidentada vida. O repugnante acto tornou mais conhecidos os crimes que o diário dos trabalhadores vinha denunciando à opinião pública, e o protesto desta estende-se também a essas repulsiões, que passaram despercebidas para muita gente, se não fosse o alarme que os assaltantes provocaram, procurando destruir A Batalha e assassinar os seus redactores.

De Aguiar Santos, Maia, escreve-nos o camarada Sousa e Silva, em nome dos carpinteiros organizados daquela freguesia:

"Camaradas redactores e compositores de A Batalha. Tem esta por fim transmitir-lhes o nosso mais enérgico protesto, pelo cobardismo atentado de que foi vítima o órgão dos nossos direitos e felicidade a todos por terem saído ilhados."

A Juventude Sindicalista de Vendas Novas, reunida em assembleia geral, tratando do assunto, aprovou uma moção com a seguinte conclusão: "Protesta enérgica contra tal acto de banditismo, estando pronta a defender o nosso querido jornal A Batalha."

O protesto na provincia

Damos a seguir alguns relatos dos correspondentes de A Batalha, e pelos que já publicamos, junto aos que hoje inserimos e outros que, sem dúvida, nos serão ainda enviados, pode-se ajuizar da indignada repulsa que provocou o vandalismo cometido contra o órgão da organização operária portuguesa.

EM ALHOS VEDROS

O operariado secundário a greve geral

ALHOS VEDROS, 2.-C.-Apenas houve conhecimento do infame atentado à Batalha, cometido por um grupo de salteadores, e que havia sido proclamada a greve geral de protesto contra o vil assalto, imediatamente as classes corticeira, descarregadores de mar e terra e construção civil abandonaram o trabalho, tornando-se geral a greve nesta localidade, onde A Batalha conta arraigadas simpatias.

Apenas trabalharam — o que não tem importância alguma — as infelizes que a fábrica do ex-propagandista operário José Custódio Cabrita, estão sendo infamemente exploradas.

A indignação causada pelo assalto, é geral, e para que A Batalha possa prosseguir, na sua campanha em prol da emancipação dos trabalhadores, os operários desta localidade vão encetar uma grande subscrição que revertirá a favor do nosso diário.

Um grupo de camaradas conscientes pensa em levar à prática, numa das sociedades de recreio daqui, um espectáculo, cujo produto líquido é destinado à Batalha.

Quem escreve estas linhas envia o seu mais veemente e formal protesto, lavrando a sua maior repulsa contra os banditos que, à ordem da burguesia, ousaram assaltar o jornal dos trabalhadores, destruindo-o, cobardemente, assassinando os seus redactores.

Um abraço a todos e as minhas felicitações por terem saído ilhados desse cobarde atentado.

Em Grandola

GRANDOLA, 3.-C.-Causou aqui geral indignação entre a classe operária o assalto feito ultimamente ao nosso baluarte e acérrimo defensor dos oprimidos, A Batalha, facanha levada a efeito por meia dúzia de meliantes e malfidantes, que as ordens, por certo, de outros não menos facinorosos e cobardes, tentou abafar a voz do jornal que desassombradamente tem posto a nít todos os crimes cometidos por certos mastins que, obedecendo a ordens superiores, tudo tem feito para destruir a organização operária em Portugal.

Em Vizeu

As associações operárias protestam

VIZEU, 3.-C.-Causou aqui a maior impressão o atentado de que foi vítima o nosso jornal, sendo todo o operariado unânime em apreciar asperamente o procedimento heróico dos autores da proeza. Várias associações de trabalhadores exararam na acia das primeiras sessões votos de protesto, tendo a dos construtores civis enviado um enérgico telegrama ao chefe do Estado reclamando providências imediatas.

Sabemos também que um grupo de amigos de A Batalha vai iniciar uma subscrição para auxiliar a vida do jornal.

Em Ovar

Apezar de desorganizados, os trabalhadores sentiram a afronta

OVAR, 2.-C.-No remanso duma pratinhasa pacata, a Torreira, onde estão desassando um pouco das lides ingratas do ensino, o jornal dos trabalhadores chegou com dois e mais dias de atraso, foi vítima do nosso querido jornal. Protestos, nem um mais eloquentes que o gesto espontâneo do proletariado que sentiu bem a afronta lançada à organização operária.

Aqui, mesmo em Ovar, onde o operariado não tem organização, e sentiu-se

## MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Não se cansa o operariado em demonstrar a sua solidariedade para com A Batalha, provando assim a sua repulsa pelo vil atentado que alguns banditos praticaram.

Essa demonstração animou-nos mais do que nunca a prosseguir no caminho encetado, pois que claramente se vê que a vida de A Batalha é a vida do proletariado português.

Mas para que a sua existência se torne forte e robusta, necessário é que o operariado a não desamparar e lhe dê o alento preciso como até esta parte tem feito.

Segue-se mais uma lista de contribuintes:

Transporte... 10.528\$81

Associação dos Manufatureiros de Calçado, resto de coligação... 2830

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

Associação de Redactores... 1800

## OUTRA TÁTICA

Já por várias vezes aqui aludimos às deploráveis consequências que para a acção sindical resultaram do condicionamento económico determinado pela guerra. Nunca os sindicados se moveram tanto como nos últimos tempos, é certo. Mas é certo também que, sendo esse movimento de carácter exclusivamente defensivo, nenhuma modificação, nenhum progresso logrou introduzir no meio. De facto, a acção sindical tem-se consumido totalmente a procurar constantes aumentos de salário que permitam às várias classes operárias acompanhar, embora de longe, a alta do custo da vida. Não pode pôr-se em dúvida a utilidade, ou, pelo menos, a necessidade de semelhante esforço, pois já os trabalhadores teriam morrido de fome, a não haverem procurado elevar os seus salários. Mas quer-nos parecer que mais amplo tem de ser o trabalho da organização sindical, mormente num período como este que agora atravessamos, em que uma transformação social se tornou, como nunca, possível e urgente.

Não iremos alongar-nos agora em explanações daquela verdade, por todos conhecida, que dá por ineficazes os aumentos de salários visto que o patronato, o capitalismo, consegue anular breve, por meio dum encarecimento de produtos, aquelas vantagens que de um aumento de salário obtido resultaram. Pretendemos, porém, levar os que nos lerem a analisar um pouco a situação em que se encontra Portugal, sob o duplo aspecto económico e político, e perguntar-lhes se não é tempo de intervir-nos enérgicamente nesta deprimida, de atacar o mal bem pelo fundo, como se diz na Internacional, de lançar mão dis-

de impedir que a política e os vampiros comprometam irreversivelmente o futuro, que tam carregado já se nos antolha.

O país está desprovido de tudo. Não temos que comer. Não temos indústrias. Não temos habitações. Longe de procurar remediar a nossa miséria os políticos não fazem mais que agravá-la, porque não querem, não sabem, não lhes convém atacar de frente os problemas que nos assoberbam. A produção diminui de ano para ano, e deste modo, com o progressivo empobrecimento do país, muito não tardará que o estrangeiro nos negue aqueles produtos com que até hoje nos temos ido governando, da desgraçada maneira que se sabe. As habitações, cuja escassez dá lugar a extorções infames por parte de senhores e ainda de inquilinos que com aqueles se igualam na ganância e no espírito de ladroeria, não se cuida de ordenar a construção delas, e o problema conserva-se sem solução, quando tam fácil seria resolvê-lo, se houvesse um pouquinho de boa vontade. Estamos, positivamente, mergulhados na mais atroz penúria, e não promete o dia de amanhã ser mais risonho, antes há a certeza de t-lo mais aflitivo ainda, se é possível. Económicamente, a nossa situação é esta, e parece-nos que não poderia ser pior.

No que respeita a administração pública vemos que a imoralidade caminha infrene, a um estado de segundo-se outro escândalo, cada um deles mais grave, mais prejudicial e mais descaído que o antecedente. Cada ministério, cada repartição pública, um prostíbulo, onde em vez do que se vende a honra e a dignidade. Quem mais paga mais bem. Nenhum dos vícios da burguesia desapareceu, e, pelo contrário, todos eles encontraram na república ambiente propício para medrar. E ainda, conserva-se as vergonhosas mazelas da monarquia, novas mazelas irromperam no organismo nacional, mais corrompido, mais intoxicado desde que o regime republicano o massalou. Vilões sem moral, enérgicos, sófregos, como cães ladradores a que de longe se assusta com um osso, levados pela

lância do mando ou do dinheiro a atitudes menos que indecorosas, desmascarados todos por denúncias mútuas, todos enodoados, todos comprometidos, — tais são os políticos que nos governam, cincoenta por cento deles mal sabendo ler, e substituindo por uma certa esperteza videirinha o fundo de cultura e as qualidades de intelecto que não têm.

Encarada a questão por um terceiro aspecto, o concernente à consolidação das liberdades populares, vemos que neste ponto, como em todos os outros, retrogradamos. As poucas garantias de que gozava o súdito na monarquia perdeu-as o cidadão da república. Há leis, decretos, disposições legais, enfim, do novo regime, que deixam a perder de vista tudo o que de mais liberdades conceberam as instituições monárquicas. Censura prévia, apreensão de jornais, aumento da polícia secreta, abolição do direito de reunião, restrições à liberdade de pensamento, prisões iniquas, maus tratos a presos, assassinios de grevistas, deportação para a África de honestos operários, a construção de um in-pace que nem a ferocidade do Marques de Pombal imaginaria mais tortura, criação de tribunais de excepção, um critério legislativo que tende para as épocas medievais — e por cima de tudo isto a cidade transformada num campo de batalha, em que dois inimigos se degladiam, dum lado o povo, do outro lado a força, e esta armada, até aos dentes, disposta de metralhadoras, camions, revólveres, pistolas, sabres, cassetes, e não se sabe que mais instrumentos mortíferos, contundentes e ultrajantes, a tornarem rubras as calças à custa do sangue popular.

Que tem feito a organização sindical, de há anos a esta parte, para pôr um dique a tanta infâmia, e para trazer ao preciso caminho a marcha social? Nada ou quase nada, temos de confessar. Mas o operariado não pode desinteressar-se, não pode ignorar todas estas misérias, sob pena de impossibilitar ou adiar a sua emancipação, prejudicando os seus interesses presentes e futuros. Os sindicatos só por dois motivos reúnem: obediência aos preceitos estatutários, ou seja nomeação de novos corpos gerentes e discussão do relatório e contas, isto com escassa concorrência e pouco interesse; ou então organizar reclamações por aumento de salários, preparar a greve que as garanta, e nomear as comissões correspondentes. Entanto, as púrrias políticas vão sugando os últimos recursos do país, vão fazendo o que querem em absoluta impunidade, livres da pressão operária, que as deixa à solta, quando importava prendê-las mais curto. Os assambarcadores, os especuladores, os senhores, a força pública, entregam-se a todos os desmandos, com uma confiança cega, uma tranquilidade imperturbável, e a organização sindical não lhes temido à mão, aumentando assim aquela confiança e aquela tranquilidade.

Pois é necessário, decididamente que mais se alargue a acção sindical, por maneira a conseguir alguns proveitos, e a preparar o meio para o dia do grande esforço emancipador. Se não fizermos assim, destruímos a mor parte das probabilidades de sucesso desse esforço emancipador tam caramente ambicionado.

A greve dos gráficos ingleses

MANCHESTER, 5.-A greve dos tipógrafos desta cidade e de Liverpool ameaça complicar-se, pois as empresas decidiram encetar o lock-out a todas as outras provincias. — Rádio.

Ferrovários ingleses

DECLARAM A GREVE OS DAS LINHAS DE GLASGOW E DO SUDESTE

GLASGOW, 5.-Os ferroviários das linhas de Glasgow e do Sueste decidiram declarar a greve a partir de amanhã. — Rádio.

A atitude do patronato agrava a situação

MANCHESTER, 5.-A greve dos tipógrafos desta cidade e de Liverpool ameaça complicar-se, pois as empresas decidiram encetar o lock-out a todas as outras provincias. — Rádio.

Ferrovários ingleses

DECLARAM A GREVE OS DAS LINHAS DE GLASGOW E DO SUDESTE

GLASGOW, 5.-Os ferroviários das linhas de Glasgow e do Sueste decidiram declarar a greve a partir de amanhã. — Rádio.

A atitude do patronato agrava a situação

MANCHESTER, 5.-A greve dos tipógrafos desta cidade e de Liverpool ameaça complicar-se, pois as empresas decidiram encetar o lock-out a todas as outras provincias. — Rádio.

Ferrovários ingleses

DECLARAM A GREVE OS DAS LINHAS DE GLASGOW E DO SUDESTE

GLASGOW, 5.-Os ferroviários das linhas de Glasgow e do Sueste decidiram declarar a greve a partir de amanhã. — Rádio.

A atitude do patronato agrava a situação

MANCHESTER, 5.-A greve dos tipógrafos desta cidade e de Liverpool ameaça complicar-se, pois as empresas decidiram encetar o lock-out a todas as outras provincias. — Rádio.

Ferrovários ingleses

DECLARAM A GREVE OS DAS LINHAS DE GLASGOW E DO SUDESTE

GLASGOW, 5.-Os ferroviários das linhas de Glasgow e do Sueste decidiram declarar a greve a partir de amanhã. — Rádio.



# A RUSSIA EM FOCO

## O QUE BELA DIZ UM VISITANTE

Praticamente, em qualquer outro país que não seja a Rússia, o que se chama organização do trabalho significa o entorpecimento e o emaranhamento da produção e distribuição da riqueza. Entre nós, a batalha travada entre o capital e o trabalho inutiliza toda a possibilidade de uma genuína cooperação na produção. O capital, em geral, procura constantemente encurtar o custo da produção, reduzindo os salários. O trabalho procura ganhar tanto quanto possa, dando, em troca, o menos possível ao patrão. Na Rússia, não só não há nenhuma diferença entre as Trade Unions e as direcções administrativas dos Soviéticos, senão que se encontra a mais cordial cooperação entre os técnicos e o Conselho Supremo de Economia pública.

Para comprovar esta asserção, referir-me hei a uma visita a umas grandes oficinas de reparação de locomotivas, perto de Saratov, que fiz acompanhar de Sverdlov, comissário do povo para vias e comunicações. Ambos recomendaram aos trabalhadores das oficinas ferroviárias a suprema necessidade de acelerar o trabalho. Eu não me atrevo a estabelecer o contraste entre a recepção que se nos fez, a Sverdlov e a mim e a resposta que se deu às nossas recomendações à disciplina com o acréscimo exprimido pelos operários de Clyd, por ocasião da visita de Lloyd George durante a guerra e os seus convites a aumentar a produção.

**Uma questão de vigilância**  
A diferença da vigilância das classes trabalhadoras está determinada pela diferença dos fundamentos do recurso a essa vigilância. Os homens farão todos os sacrifícios quando sabem que é por um bem estar nacional e colectivo, e igualmente resistirão às intenções de explorar a sua generosidade para um benefício individual. Para apreciar a posição em que a democracia russa tem estado colocada desde Outubro de 1917, é preciso compreender claramente a sua acção da mobilização do trabalho.

Temos que ter na memória que a política industrial e política da Rússia está conformada em grande parte, senão por inteiro, por inextinguíveis circunstâncias de pre-guerra e post-revolucionárias. A Rússia vivia da troca de subsistências e matérias primas por produtos manufacturados. Desde 1917, este processo ficou suspenso. Teve, pois, que criar novos recursos e adaptabilidade para produzir as coisas que antes importava. A primeira e a segunda revolução fizeram um grande vácuo no proletariado urbano da Rússia. Os homens terão modificado o espírito ganancioso dos lavradores e proprietários daqueles sítios, que na mira de enriquecer nada os detem, nem mesmo o facto de que a fome vai lentamente derubando seres fortes e robustos que passaram uma vida completa escravizados ao peso do trabalho mal remunerado.

Por isso continua-se às voltas com o assunto, sem encontrar uma solução que acabe com esta tortura que vem juntar-se a tantas outras, que tornam a vida dos habitantes num verdadeiro inferno. Sobre este assunto envia-nos o nosso amigo e camarada Júlio Luis, a carta que segue, em que aponta um facto de desperdício de água, que é vulgaríssimo nas ruas da cidade, mas a que as entidades que deviam tratar do assunto, não ligam importância alguma.

Camarada redactor de A Batalha.—E' do conhecimento público, que uma comissão de engenheiros e delegados do governo, vem estudando a maneira de restringir o consumo de água, isto porque a Companhia tem, junto do governo e com nota nos jornais, declarado estar em breve Lisboa sem água se não diminuir o seu consumo.

Pois não obstante todo este alarame, que devesse sobressaltar a população alfacinha, todas as noites, das 22 horas até alta madrugada, corre um constante caudal do precioso líquido desta cidade, que he a Mouraria, impalpavelmente, por vezes, a passagem dos transeuntes.

Seria muito conveniente que a comissão citada tivesse conhecimento deste desperdício e obtivesse a sua continuação, contribuindo também para que fossem abastecidas as moradias do populoso bairro do Monte, onde se passam dias e dias sem que haja uma gota de água nos contadores, de que a companhia recebe o aluguer. Multas são as reclamações entregues à Companhia das Águas, todos os anos por esta cidade, sem que sejam feitas as devidas atenções, que se devem em grande número.

**As colheitas**  
Toda a gente sabe que no norte do país o principal alimento das classes trabalhadoras é constituído pelo pão de milho. Quando na parca mesa não aparece o indispensável pão, um mal estar perturba as famílias que se vêem em sérios embaraços para suprir a sua falta.

O milho naquela região tem escasseado, não só porque gananciosos especuladores o exportam para Espanha na mira de obterem fabulosos lucros, em virtude da diferença cambial, como também é empregado para outros fins como seja para fabricar álcool. Existem mesmo várias fábricas, algumas das quais já foram descobertas, que se empregam nesse criminoso mister.

E assim, com especialidade os povos do Minho, de há muito que se vêem privados de uma existência miserável, pois os salários que ali se auferem não chegam para comprar um alqueire de milho, quando este aparece no mercado, visto que o seu preço oscila por 600 e mais.

Criaturas há que, com as lágrimas nos olhos, rojando-se aos pés dos detentores daquele cereal, imploram, pagando-o pela quantidade que os especuladores pretendem, algum milho para a alimentação dos seus, recebendo, a maior parte das vezes, uma negativa formal, esperanças sempre que ele suba e dê o preço que lhes satisfaça o seu egoísmo desmedido.

Não há dúvida que assim sucede, havendo até proprietários que o têm vendido a 10000, mas a muitos tem acontecido receber o pagamento em notas falsas, que é como que o castigo a sua desenfreada e torpe roubalheira.

Não sabemos, porém, se estes excessos terão modificado o espírito ganancioso dos lavradores e proprietários daqueles sítios, que na mira de enriquecer nada os detem, nem mesmo o facto de que a fome vai lentamente derubando seres fortes e robustos que passaram uma vida completa escravizados ao peso do trabalho mal remunerado.

As novas colheitas aproximam-se e não temos dúvida em afirmar que este ano não faltarão. Quem tiver ocasião de atravessar nesta altura o Alto-Minho, verificará com satisfação que os milhares estão sobrados, denotando uma fartura que já há muito não existe.

Especialmente, percorrendo o trajecto entre Viana e Monção, ao longo da linha férrea, os olhos deleitam-se-hão na junção das belas espigas, admirando em larga extensão, a perder de vista, os campos repletos, promotores de abundância, como se nos dissessem que o pão não faltará mais na mesa dos pobres.

Mas em volta das colheitas já andam os milhares a pretender assambarcá-las, oferecendo quantias fantásticas, privando dessa forma o povo de ter pão barato.

E os lavradores e proprietários, na ansia de mais enriquecer com certeza não objectarão entre o dilema de encher os seus cofres ou vender o milho barato ao povo, optando por aquele, condenando uma população inteira a morrer de fome para saciar os seus instintos de insaciáveis devoradores do produto dos esfaqueados.

Que fazer ante este futuro que nos espera?

Ter tanto que comer e ver desaparecer tudo nas mãos rapaces dos especuladores, é a verdadeira pena de Tantalol.

Amanhã, porém, se as nossas apreensões se justificarem e os esfaqueadores apanharem o devido correctivo, se o povo não admitir o morrer de fome, depois de ter que comer, se este se revoltar e castigar com merecem os criminosos donos da terra e os intermediários especuladores, não será caso para que se admirem nem tam pouco haverá razões para que se celebrem e metralhem aqueles que se corajaram de defender o seu pão e o de seus filhos.

**Congresso soviético chinês em Moscova**  
Em Julho último, realizou-se em Moscova, o 3.º congresso soviético dos chineses residentes na Rússia, na Sibéria e no Turquestão.

Assistiram ao congresso 52 delegados representando mais de 100.000 chineses organizados. O comissário russo dos negócios orientais abriu o congresso com um discurso em língua chinesa, recordando os serviços prestados pelos operários chineses à consolidação da revolução russa.

Os chineses da Rússia e do Turquestão convertidos às ideias bolchevistas tornaram-se ótimos agentes de propaganda, quando voltam ao seu país.

E' devido à sua obra, que nas imensas regiões da república chinesa a causa do comunismo, cada vez vai ganhando maiores simpatias.

**Robert WILLIAMS.**

**Uma carta interessante**  
Realizar-se há a fusão entre a União Geral dos Trabalhadores e a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha?

O comité da Confederação Nacional do Trabalho, de Espanha, dirigiu ao comité da União Geral dos Trabalhadores a seguinte carta, que, por ser verdadeiramente interessante, traduzimos:

«Estimados companheiros. Saúde! Recebida a vossa carta de 13 do corrente, agradecemos as frases que nos dirigis e congratulamo-nos do vosso desejo favorável à união do proletariado espanhol num só organismo nacional.

Agora, por muito dura que possa parecer a nossa linguagem, temos o dever de falar com a maior sinceridade para evitar os equívocos a que possam dar lugar cartas sem outro interesse senão o de passar o tempo.

Este Comité examinou detidamente o conteúdo da proposta que se refere à necessidade de fundir num organismo nacional os dois existentes, assim como todos os antecedentes relacionados com o mesmo assunto, e em tudo isto pretendemos ver uma manobra que salve o compromisso de aparecer ante a classe trabalhadora como os únicos que defendem e apresentam a fusão e se não se chegar a fazer-se, que possamos acusar-nos de sermos nós os seus causadores.

Para começar a tratar nos impondes condições, claro está, que acordadas pelo Congresso da União Geral, celesbrado em Maio. Notamos que nas vossas propostas há uma contradição evidente: votais pela fusão ao mesmo tempo que acordais continuar pertencendo à Internacional de Amsterdão, sabendo que nós estamos filiados na de Moscova, de maneira que é quasi inútil intentar uma aproximação.

Tudo isto explicamos nós da seguinte maneira: A União Geral dos Trabalhadores, cujo comité não quer a união, tem necessidade de demonstrar publicamente ante os trabalhadores espanhóis que cumpre os acordos do seu congresso e está animada de bons desejos ante este problema. Para esse fim faz à Confederação Nacional do Trabalho propostas inaceitáveis, que esta tem de combater, e neste momento podemos dizer ao proletariado nacional que se a fusão não se faz é porque a Confederação Nacional não chega a acordo.

Perdonai-nos se passamos o limite das suposições, mas com quanto mais franqueza tratamos os assuntos, melhor saberemos as posições que cada um de nós ocupa.

Ninguém mais do que nós deseja a união do proletariado espanhol num só organismo nacional e vamos demonstrá-lo. Estamos dispostos a nomear uma comissão de três indivíduos para com outra do mesmo número, por vós nomeada, fazer os trabalhos necessários para a celebração de um Congresso Nacional, cuja convocação seja firmada pela citada comissão e pelos comités nacionais a fim de alcançar uma representação a mais larga possível.

As decisões desta comissão seriam tomadas em votação e os acordos teriam um carácter inapelável.

Nós exigimos que os que nomeei para esta comissão não sejam indivíduos que ostentem representação parlamentar, provincial ou municipal, nem tampouco tenham cargos que sejam de colaboração com o regime capitalista.

Com respeito à confecção dum novo regulamento, cremos sinceramente que é um trabalho completamente inútil; vós tendes um e nós outro; pois que se decida a assembleia pelo que julgar melhor. No fim de contas, isto interessa-nos porque é um tramite puramente burocrático e opinamos que não se pode estabelecer um critério fechado na acção, por desconhecermos onde nos podem levar as circunstâncias que atravessamos.

Pelo exposto vereis que procedemos sinceramente, como corresponde aos interesses e seriedade da organização. Esperamos que será bem acolhida a nossa proposta, pois, de outro modo, estamos convencidos de sem contar com o comité do proletariado da classe trabalhadora em geral, levaremos a efeito acordos sem ter em conta o interesse que podem ter os seus representantes. Desejamo-vos saúde e uma resposta satisfatória.—Pela Confederação Geral do Trabalho.—O secretário geral».

**GESTO ALTIVO**  
O povo trabalhador de Gonçalo opõe-se à safra de azeite para a Guarda.  
GONÇALO, 30.—Como noutras localidades, a fal'a de géneros faz-se aqui sentir, por'ominando o mesmo assambarcamento. Graças ao despertar dos trabalhadores, os burgueses da terra não tem visto satisfeitos os seus baixos desígnios, o que seriamente os vem inquietando de há tempos a esta parte.

A despeito de a produção anual de azeite daqui dar para o consumo de dois anos, famílias há que tem estado desprovidas deste precioso líquido, que vai beneficiar, ao que se presume, os mantenedores da ordem da Guarda, que dista daqui poucos quilómetros.

Na passada sexta-feira deu-se nesta localidade um conflito que podia ter sérias consequências. Um oficial da brigada, em gesto napoleónico, pretendia que todo o azeite existente fosse para a Guarda.

O povo, num gesto unânime, ao ter conhecimento da faganha, imediatamente, como que um forte bloco, impõe-se à sua saída, e apoderando-se do sino da igreja, toca a rebate.

Em presença desta inabalável resolução o referido oficial, vendo gorado seu plano, desiste dos seus intentos e vendo-se rodeado de muito povo, espavoridamente pergunta se o querem matar, ao que lhe é respondido, dessas sombriadamente, que, através de tudo o azeite não safa, sem necessitarem de lançar mão deste gesto.

Passadas algumas horas, ei-los a bater em retirada, com pouco desejo de voltar.

Por esta manifestação se pode compreender o povo trabalhador que só ele poderá defender os seus interesses.

**Menina desaparecida**  
Desapareceu de casa de sua família, na quinta-feira à tarde, uma menina de nome Isabel, de 20 anos, que tem a manomania de fugir, pedindo-nos a família, para que se faça por intermédio do nosso jornal chamemo a atenção de quem saiba do seu paradeiro o indique para a sua mãe, a Sra. Cordeiro, 95-5, onde será gratificado. E' baixinha, tem falta dum dente, veste fato preto de alpaca, meias e sapatos de mesma cor, tendo saído em cabelo. A família lê aqui a página.

**Na Batalha da Bica do Sapato, 16-A**

**Vida Sindical**  
COMUNICAÇÕES  
Manipuladores de Pão.—Reuniu-se hoje em assembleia magna para apreciar os trabalhos da comissão de melhoramentos pró-aumento de salário. Presidiu o camarada António Marques Dinis, secretário por Manuel da Costa e José Esteves Abrantes. Usaram a palavra Joaquim dos Santos, P. D. Vazquez, Domingos Pereira, Francisco Joaquim Gonçalves, Carvalhais, Jorge Abrantes, que, verbalmente o procedimento dos manipuladores em não terem atendido as reclamações da classe, pretendendo dar uma insignificância de salários pouco remuneradores, resolvendo-se dar todo o apoio à direcção para levar à prática o aumento e criar um núcleo de Juventude Sindicalista.

**CONVOCAÇÕES**  
Federação da Indústria de Calçado, Curores e Peles.—Para tratar dum assunto de máxima importância para a organização, reúne hoje, pelas 9 e meia horas, na Rua do Conselho Federal, a comissão administrativa para a comparença de todos os delegados.

**Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa.**—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 19 horas, para a comissão dar conta dos seus trabalhos.

**Alfaiates.**—Convidam-se os camaradas Celestino Afonso dos Santos e Simões Almeida a comparecer hoje, pelas 21 horas, para um assunto urgente.

**Pela Polónia**  
Um comité revolucionário — A situação interna  
Dizem de Berlim, que foi organizado na Polónia um comité revolucionário, pretendendo instaurar neste país o regime bolchevista. Num apelo lançado ao povo sustentou este comité — a propósito da luta cruenta travada entre a Rússia e a Polónia — que uma paz duradoura só seria possível entre uma Rússia e uma Polónia socialistas, e que, portanto, se tornava necessário arrancar das mãos dos industriais e dos proprietários polacos as fábricas e as terras e entregá-las aos trabalhadores.

Quem entra na Polónia — diz K. W. Teslar — é logo impressionado pelo fatalismo nacionalista, que até corrompe a maior parte das classes trabalhadoras. Nem os próprios socialistas se escapam a esta lepra, como comprova a sua imprensa.

A oficialidade reina soberanamente por toda a parte, e as suas senhoras entregam-se ao comércio escandalosamente. Pagam por um quilo de açúcar 12 marcos, vendem-no depois por 120 marcos e muito mais.

As condições de vida são terríveis, faltando meios de transporte, medicamentos e os alugueres das casas por um preço fabuloso.

A questão agrária está agora na ordem do dia. Atendendo a que 80 por cento da população da Polónia é agrícola, pode-se fazer bem uma ideia da grande massa adversa à guerra com que Pilsudski se tem defrontado. A chamada às fileiras de todos os que tinham servido em qualquer corpo do exército não respondeu nem um camponeiro ou operário.

Foi uma desagratul surpresa para o comandante dos exércitos, que teve de recorrer à violência, ordenando o assalto às fábricas para se prenderem os operários, detendo todos os jovens em contrabando pelas ruas, e até chegando a lembrar, que se recrutassem as próprias mulheres. Destas tem sido presas as que se atrevem a rasgar os manifestos de Pilsudski, tudo isto para fazer crer que na Polónia é geral o entusiasmo pela guerra contra a Rússia bolchevista.

**I Congresso Nacional Mobiliário**  
GONÇALO, 28.—C.—Na sede da Associação dos Cesteiros realizou-se ontem uma importante sessão, sobre o 1.º Congresso Nacional Mobiliário. Para esta sessão vieram directamente tomar parte os nossos camaradas Santos Arranha e Alfredo Marques, delegados da comissão organizadora do Congresso nacional mobiliário.

O presidente, depois de expor os fins da reunião, que se encontrava largamente concorrida com especialidade pelo elemento feminino, dá a palavra ao camarada Santos Arranha, que principia por referir-se à convulsão internacional, fazendo um paralelo deste facto com o da raquítica organização operária portuguesa. Refere-se ao valor do Congresso e à necessidade de se unificar o proletariado mobiliário de todo o país e à acção da Federação de Indústria. Termina num rasgo de eloquência por exortar os trabalhadores à máxima unidade de vistas, expondo também os tópicos principais das teses Uniformidade de salários e a Indústria mobiliária como toxica.

Seguidamente usa da palavra o nosso camarada Alfredo Marques, que a largos traços descreve a importância desta manifestação, historiando o incremento da organização da indústria mercê do titânico esforço empreendido nos últimos tempos.

Estigmatiza a indolência de alguns militantes e, com palavras repassadas de revolta, cai a fundo sobre a organização social, incitando os presentes ao estudo da sua situação. Alude ao valor das teses Organização de classes e Organização industrial, demonstrando as vantagens da Federação, mas aconselhando a cumprirem o seu dever os presentes.

Estas camaradas, que foram muito aplaudidas, referiram-se também ao nosso jornal A Batalha, aconselhando todos os trabalhadores a velar pela sua manutenção.

Por último resolveu esta Associação aderir ao Congresso, nomeando seu delegado directo o camarada Manuel Rodrigues de Melo.

**Uma carta interessante**  
Realizar-se há a fusão entre a União Geral dos Trabalhadores e a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha?

O comité da Confederação Nacional do Trabalho, de Espanha, dirigiu ao comité da União Geral dos Trabalhadores a seguinte carta, que, por ser verdadeiramente interessante, traduzimos:

«Estimados companheiros. Saúde! Recebida a vossa carta de 13 do corrente, agradecemos as frases que nos dirigis e congratulamo-nos do vosso desejo favorável à união do proletariado espanhol num só organismo nacional.

Agora, por muito dura que possa parecer a nossa linguagem, temos o dever de falar com a maior sinceridade para evitar os equívocos a que possam dar lugar cartas sem outro interesse senão o de passar o tempo.

Este Comité examinou detidamente o conteúdo da proposta que se refere à necessidade de fundir num organismo nacional os dois existentes, assim como todos os antecedentes relacionados com o mesmo assunto, e em tudo isto pretendemos ver uma manobra que salve o compromisso de aparecer ante a classe trabalhadora como os únicos que defendem e apresentam a fusão e se não se chegar a fazer-se, que possamos acusar-nos de sermos nós os seus causadores.

Para começar a tratar nos impondes condições, claro está, que acordadas pelo Congresso da União Geral, celesbrado em Maio. Notamos que nas vossas propostas há uma contradição evidente: votais pela fusão ao mesmo tempo que acordais continuar pertencendo à Internacional de Amsterdão, sabendo que nós estamos filiados na de Moscova, de maneira que é quasi inútil intentar uma aproximação.

Tudo isto explicamos nós da seguinte maneira: A União Geral dos Trabalhadores, cujo comité não quer a união, tem necessidade de demonstrar publicamente ante os trabalhadores espanhóis que cumpre os acordos do seu congresso e está animada de bons desejos ante este problema. Para esse fim faz à Confederação Nacional do Trabalho propostas inaceitáveis, que esta tem de combater, e neste momento podemos dizer ao proletariado nacional que se a fusão não se faz é porque a Confederação Nacional não chega a acordo.

Perdonai-nos se passamos o limite das suposições, mas com quanto mais franqueza tratamos os assuntos, melhor saberemos as posições que cada um de nós ocupa.

Ninguém mais do que nós deseja a união do proletariado espanhol num só organismo nacional e vamos demonstrá-lo. Estamos dispostos a nomear uma comissão de três indivíduos para com outra do mesmo número, por vós nomeada, fazer os trabalhos necessários para a celebração de um Congresso Nacional, cuja convocação seja firmada pela citada comissão e pelos comités nacionais a fim de alcançar uma representação a mais larga possível.

As decisões desta comissão seriam tomadas em votação e os acordos teriam um carácter inapelável.

Nós exigimos que os que nomeei para esta comissão não sejam indivíduos que ostentem representação parlamentar, provincial ou municipal, nem tampouco tenham cargos que sejam de colaboração com o regime capitalista.

Com respeito à confecção dum novo regulamento, cremos sinceramente que é um trabalho completamente inútil; vós tendes um e nós outro; pois que se decida a assembleia pelo que julgar melhor. No fim de contas, isto interessa-nos porque é um tramite puramente burocrático e opinamos que não se pode estabelecer um critério fechado na acção, por desconhecermos onde nos podem levar as circunstâncias que atravessamos.

Pelo exposto vereis que procedemos sinceramente, como corresponde aos interesses e seriedade da organização. Esperamos que será bem acolhida a nossa proposta, pois, de outro modo, estamos convencidos de sem contar com o comité do proletariado da classe trabalhadora em geral, levaremos a efeito acordos sem ter em conta o interesse que podem ter os seus representantes. Desejamo-vos saúde e uma resposta satisfatória.—Pela Confederação Geral do Trabalho.—O secretário geral».

**GESTO ALTIVO**  
O povo trabalhador de Gonçalo opõe-se à safra de azeite para a Guarda.  
GONÇALO, 30.—Como noutras localidades, a fal'a de géneros faz-se aqui sentir, por'ominando o mesmo assambarcamento. Graças ao despertar dos trabalhadores, os burgueses da terra não tem visto satisfeitos os seus baixos desígnios, o que seriamente os vem inquietando de há tempos a esta parte.

A despeito de a produção anual de azeite daqui dar para o consumo de dois anos, famílias há que tem estado desprovidas deste precioso líquido, que vai beneficiar, ao que se presume, os mantenedores da ordem da Guarda, que dista daqui poucos quilómetros.

Na passada sexta-feira deu-se nesta localidade um conflito que podia ter sérias consequências. Um oficial da brigada, em gesto napoleónico, pretendia que todo o azeite existente fosse para a Guarda.

O povo, num gesto unânime, ao ter conhecimento da faganha, imediatamente, como que um forte bloco, impõe-se à sua saída, e apoderando-se do sino da igreja, toca a rebate.

Em presença desta inabalável resolução o referido oficial, vendo gorado seu plano, desiste dos seus intentos e vendo-se rodeado de muito povo, espavoridamente pergunta se o querem matar, ao que lhe é respondido, dessas sombriadamente, que, através de tudo o azeite não safa, sem necessitarem de lançar mão deste gesto.

Passadas algumas horas, ei-los a bater em retirada, com pouco desejo de voltar.

Por esta manifestação se pode compreender o povo trabalhador que só ele poderá defender os seus interesses.

**Menina desaparecida**  
Desapareceu de casa de sua família, na quinta-feira à tarde, uma menina de nome Isabel, de 20 anos, que tem a manomania de fugir, pedindo-nos a família, para que se faça por intermédio do nosso jornal chamemo a atenção de quem saiba do seu paradeiro o indique para a sua mãe, a Sra. Cordeiro, 95-5, onde será gratificado. E' baixinha, tem falta dum dente, veste fato preto de alpaca, meias e sapatos de mesma cor, tendo saído em cabelo. A família lê aqui a página.

**Na Batalha da Bica do Sapato, 16-A**

# Vida Sindical

## ÚLTIMAS NOTÍCIAS

**Violento incêndio**  
Nos estaleiros de Ferrol  
FERROL, 5.—O violento incêndio que se declarou nos estaleiros onde se acha em construção o novo trasatlântico «Cristóvão Colombo» retardará dez meses o lançamento deste barco e cavaliando-se os prejuízos em mais dum milhão de pesetas.—Rádio.

**Os partidos conservadores exploram as declarações de alguns sindicalistas franceses**  
PARIS, 5.—A aqueles que se prestam a representar a França como um país esfacelado pelas lutas internas e pela ameaça de revolução, as recentes declarações dos principais dirigentes do sindicalismo francês sobre o bolchevismo desmentem-nos da maneira mais formal. Os secretários gerais das principais federações operárias, os srs. Merklein e Bachelu assim como o sr. Jouhaux tem sido unânimes em declarar que o bolchevismo oriental não poderia desenvolver-se em França.

A França chegou ao efeito a um período de avanço da sua evolução democrática em que as regalias sociais são menos sensíveis do que em qualquer outra parte. Ela difundiu a pequena propriedade e a participação nos lucros na mesma forma que a grande propriedade. Respeitou antes de tudo a liberdade individual conquistada em 1789 e desejosa de adaptar a organização social às novas necessidades evitadas as experiências perigosas e as violências estereis, a França fica à frente do progresso social e não deve ser considerada como uma fortaleza da reacção nem tam pouco como um foco de agitação revolucionária.—Rádio.

**A agitação irlandesa**  
O Lord-Maior de Cork já perdeu a fala  
LONDRES, 5.—O Lord-maior de Cork que faz a greve da fome na prisão de Crixton ontem no 23.º dia sem poder falar.

Mistress Swiney, sua mulher, enviou um comvente apelo ao presidente Wilson e outro a mistress Wilson.—Rádio.

**Morrem muitos dos feridos dos últimos combates**  
BELFAST, 5.—A cidade tem-se mantido em sossego. Muitos dos feridos durante os últimos combates tem falecido no hospital, elevando-se a 31 o número de falecimentos na semana passada. Durante o mesmo período o número de incêndios elevou-se a 234.—Rádio.

**A acção de Bela Kun**  
Diz-se que prepara o restabelecimento do comunismo na Hungria  
VIENNA, 5.—Um oficial húngaro regressado do cativoiro da Rússia fez interessantes declarações sobre a acção do famoso comunista húngaro Bela Kun.

Os prisioneiros de guerra húngaros foram concentrados para constituir um novo exército que intentarlam lançar contra a Hungria a fim de restabelecer a ditadura do proletariado.

Bela Kun expressou mesmo a sua intenção dirigindo-se aos prisioneiros de guerra em Petrogrado.—Rádio.

**"DEMAGOGIA" FRANCESA**  
E' expulso o representante dos "sinn-feiners"  
PARIS, 5.—O governo francês ordenou a Gavan Duffy, representante "sinn-feiners" em Paris, que abandone o país dentro de 24 horas.—Rádio.

**As greves em Espanha**  
A situação é a mesma em Saragoça  
SARAGOÇA, 5.—Os conflitos operários e a questão com os operários municipais continua na mesma situação, continuando os serviços municipais a serem desempenhados por voluntários.—Rádio.

**Rompem-se as negociações para a solução da greve de Rio Tinto**  
RIO TINTO, 5.—Foram novamente arres as negociações para a solução da greve mineira que há longos meses se arrasta sem se ver o fim, trazendo a miséria e a ruína a esta rica região.—Rádio.

**Greve em perspectiva**  
De 70.000 oleiros se não atenderem as suas reclamações  
LONDRES, 5.—Setenta mil oleiros decidiram declarar a greve a partir do dia 1 de outubro próximo se não forem atendidas as suas reclamações de salário.—Rádio.

**Na Mesopotamia**  
Os rebeldes dão que fazer aos ingleses  
LONDRES, 5.—O ministério da Guerra publica um comunicado da Mesopotamia anunciando que a estação de caminho de ferro de Samawa foi atacada pelos rebeldes. Uma coluna foi enviada em seu socorro, a qual a 100 milhas a noroeste de Bagdad encontrou séria resistência.

Um comboio blindado conduzindo refugiados encontrou a 30 milhas a noroeste de Bagdad a linha férrea cortada em dois pontos, oferecendo os insurretos a mais forte resistência. A cidade de Samawa está agora em completo sossego. As comunicações telegráficas foram restabelecidas entre Ramadie e Falluja.—Rádio.

**Um 'lock-out' monstro**  
Segundo a 'Rádio' afecta um milhão e quinhentos mil trabalhadores  
LONDRES, 5.—Foi declarado ontem o lock-out aos empregados electricistas nas fábricas de engenharia, avaliando-se em 1.500.000 homens o número de trabalhadores afectados.—Rádio.

**JOVENS SINDICALISTAS**  
União das Juventudes Sindicalistas.—Reuniram ontem os corpos gerentes deste organismo resolvendo diversos assuntos de carácter interno e outros que se prendem com o relatório a apresentar ao próximo Congresso da Mocidade Sindicalista, a celebrar a 10 de Novembro, na U. J. S. P. a reunir amanhã, 7 do corrente, pelas 21 horas, para a comissão dar conta dos seus trabalhos.

**Núcleo do estudantil.**—Em assembleia geral, realizada em 1 do corrente, foi, entre outras coisas, aprovado o aumento da cota para 40, ficando por esta forma avisados todos os alunos que a partir desta data entram em vigor o referido aumento de cota.

**Núcleo da Construção Civil.**—Reunem hoje, pelas 21 horas, as comissões de propaganda e administrativa e o conselho fiscal.

Convidam-se os camaradas Ribas a comparecer para prestar contas e pedirem as suas contas que estão na sua sede para assina-rem as suas cotas.

**Congresso das Juventudes Sindicalistas**  
Reuniram ontem a comissão organizadora do Congresso das Juventudes Sindicalistas, que, como já noticiámos, se realiza nos próximos dias 24, 25 e 26 do corrente em Setúbal, distinguindo e aprovando a 2.ª parte da tese de Organização e Defesa moral da aprendizagem bem como uma moção da autoria do Núcleo da Juventude Sindicalista das Artes Gráficas sobre permuta de produção entre as Juventudes Sindicalistas.

Resolvem enviar uma circular a todos os Núcleos a fim de utilizarem todos os trabalhos respeitantes ao mesmo, até ao dia 16 do corrente, e efectuar em Setúbal, no próximo dia 19, uma sessão preparatória, devendo nela fazer uso da palavra delegados desta comissão, da C. G. T. e de vários organismos operários e Núcleos de Juventude Sindicalista. Assentou também na ordem de trabalhos do Congresso, que será publicada no número de O Despertar a sair no próximo dia 9, bem como as teses aprovadas.

**OS QUE MORREM**  
FUNERAIS  
Realizam-se hoje os seguintes funerais: de Adolfo Fernandes, às 12, da rua do Tejo, de 13, da rua de 10, da rua do Conde das Antas, 18, de Etevínia da Conceição Pinto, às 17, da calçada de Santo Amaro, 61, de Gregório Sobral, às 18, do hospital Escolar, e António Morais Ribeiro, às 19, do hospital de S. José.

**TEATROS & CINEMAS**  
Reclamamos  
No Nacional, ontem voltou a despertar o enorme entusiasmo a peça Os L e a epopéia cheia de situações interessantes, cuja key te dramática. O seu desempenho foi o melhor visto sobressaem. Am. ra Cruz, Colago, Lucinda do Carmo, Luu e Alina, Robies Martinho, Clemente Pinto da. Hoje repete-se O Lobos.

Entre os muitos números de grandioso sucesso da graciosa revista Sem Camisa, em scena no Elen, conta-se o espiritismo e o facto do Inquilino-interpretação pelo Inquilino e o facto do Inquilino, a revista do Eden é o maior éxito da actualidade; autenticando pelos milhares de pessoas que tem ido vê-lo, e que se não fariam a não ser por isso, assim, para o aumento da sua fama.

**CARTAZ DO DIA**  
NACIONAL—A's 21,45—Os Lobos.  
GINÁSIO—A's 21,15—O Asa.  
TRINDADE—A's 21,15—Chá e Torradas, revista.  
FOLHEAMA—A's 21,30—Duas causas.  
APOLO—A's 21,45—Risos e Flores, revista.  
EDEN—A's 21—Sem Camisa, revista.  
VENIDIA—A's 21,45—Amor em Pó.  
GIL VICENTE—A's 21,45—Amor em Pó.  
e quintas-feiras, o drama «Suplicio de uma mulher» e a acto de variedades.  
Variedades e animatografos.—Salão Fox, Coliseu dos Recreios, Salões Olympia, Central, Condes, Chado Terrassa, Anjos Trindade, Promotora, Portugal, e Cine-Paris, Ideal e Chancelier.

**FERRAGENS E FERRAMENTAS**  
Valério, Lopes & C. L.  
Ferramental completo para todos os ofícios  
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, oumbo e aமைa diversos.  
Carros, vagonetas e todos os pertences de material.  
«Decauville»

**22, largo de S. Julião, 28**  
Rua Nova do Almada, 1, 8 a 7  
— LISBOA —

# ÚLTIMAS NOTÍCIAS

**Os tártaros e a república dos soviéticos**  
O comité executivo de Kazan, depois da proclamação da autonomia tártara, expediu uma mensagem a Tchitcherine, na qual dizia que o mesmo comité e as autoridades do novo Estado, representando milhões de trabalhadores muçulmanos e russos, juravam ajudar com todas as forças a república russa dos soviéticos e combater com ela até vitória final contra todos os seus inimigos.